

## **Entre asilos e recreios: Histórias de amores e saudades de idosos paraibanos**

Silêde Leila Oliveira Cavalcanti<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste texto é o apresentar os caminhos teóricos e metodológicos que orientam o nosso trabalho de doutorado que se insere no campo das subjetividades e dos sentimentos, tendo como recorte temático as sensibilidades afetivas de idosos (as) na contemporaneidade articuladas as identidades de gênero e de família. A investigação incide em torno das experiências e das identidades de homens e mulheres idosos (as) campinenses residentes em instituição asilar e freqüentadores de grupos de terceira idade.

**Palavras chaves:** Sentimento. Identidade. Idoso.

**Résumé:** L'objectif de ce texte est de présenter les chemins théoriques et méthodologiques qui orientent notre travail de Doctorat qui s'insère dans le champ des subjectivités et des sentiments, ayant comme thème les sensibilités affectives de personnes âgées dans la contemporanéité articulées les identités de genre et de famille. La recherche se concentre vers les expériences et les identités d'hommes et de femmes âgés de Campina Grande – PB qui habitent dans un asile (maison pour des personnes âgées) et qui fréquentent de groupes de troisième âge.

**Mots-Clés:** Sentiment. Identité. Personne Âgée.

### **1. História e sensibilidades: sentimento amoroso e velhice na contemporaneidade.**

Fazer a conexão entre história e sensibilidade, história e subjetividades etárias realçando a historicidade do sentimento amoroso e dos sentimentos de velhice na contemporaneidade exige de nós historiadores, o abandono de antigas verdades e de certezas há muito sedimentadas e que nos lancemos numa viagem menos segura, percorrendo cenários complexos que exigem na sua exploração o exercício interdisciplinar e transdisciplinar que indaga, duvida e se aventura em tarefas de “desconstrução de moradas de saber”.

Nessa perspectiva, o objetivo nesse texto é apresentar os caminhos teóricos e metodológicos que orientam o nosso trabalho de doutorado, além de anunciar os desafios de adentrar em campos incipientes em termos de exploração pela historiografia, seja o recorte de geração ou de sentimento.

O nosso problema se insere no campo das subjetividades e dos sentimentos, tendo como recorte temático as sensibilidades afetivas de idosos (as) na contemporaneidade

---

<sup>1</sup> A autora é professora da Unidade Acadêmica de História e Geografia da UFCG e doutoranda em História pela UFPE.

articuladas as identidades de gênero e de família e investigar as experiências, as identidades e sensibilidades amorosas de homens e mulheres idosos (as) campinenses residentes em instituição asilar e frequentadores de grupos de terceira idade.

Buscamos a partir da “recuperação” das memórias identificar os modelos familiares fundantes nas vidas desses indivíduos quando de suas juventudes comparando-os com as novas configurações evidenciadas no momento de suas existências “envelhecidas”. Perguntamos que projetos, crenças e condutas amorosas, familiares e geracionais se configuravam e/ou se configuram entre os idosos institucionalizados? Quais os mapas de afeto desejados e quais as cartografias sentimentais configuradas? Quais as crenças sobre juventude e envelhecimento? O que pensam sobre a historicidade e transformação do ser jovem e do ser velho “de suas épocas” em relação ao tempo dos netos/jovens? Que modelos de subjetividades amorosas eram ou são mais recorrentes, o amor romântico foi ou ainda é uma crença substancial entre esses idoso(as)? Quais as leituras em torno das novas sensibilidades pós-modernas ou as condutas amorosas provisórias/consumistas/descomprometidas presentes nos experimentos sentimentais “jovens”? Quais os sentimentos de saudade e solidão mais recorrentes entre eles? Essas indagações são algumas entre muitas que nos cercam como pesquisadora.

Em termos de recorte temporal evidencia-se que esses idosos (as) em análise de idade entre 60 e 80 anos, tem sua juventude situada entre os anos 1940/60, contexto que serve de base para uma comparação/articulação das crenças e modelos mais predominantes desse período com o momento atual de (re)significação e (re)invenção dessas sensibilidades e condutas afetivas. Certamente não consideramos esse recorte como dado, fechado, estático, visto que pensamos as sensibilidades e as identidades como construções provisórias e gestadas na intertextualidade e logo, não são enjauladas em cronologias ou contextos, pois transitam/deslocam sentidos e significados a eles atribuídos.

O universo de demarcação espacial é a cidade de Campina Grande e seus territórios de institucionalização da velhice, seja numa cartografia asilar de tristeza, abandono e “decadência”, seja nas novas identidades de velhice “adolescente”, sorridente e ativa do centro de convivência do idoso; são cartografias materiais, sociais, simbólicas, psíquicas e culturais multifacetadas que compõe o cenário urbano institucional/ sentimental campinense na contemporaneidade, ávido de investigação histórica

Essa visibilidade das experiências e subjetividades etárias, tendo como foco as sensibilidades geracionais, a partir da invenção de um novo ator político, o idoso, começa a ganhar força social, cultural e acadêmica, a partir de discursos médicos (geriatras e

gerontólogos), jurídicos, psíquicos, antropológicos, pedagogos e, mais recentemente, historiográficos preocupados em decifrar, identificar, nomear, classificar, historicizar, psicanalizar, homogeneizar, desnaturalizar ou inventariar modelos e identidades de envelhecimento, anunciando os problemas, desafios, dilemas e os prazeres de ser velho na contemporaneidade em comparação ou não com outros contextos ou intertextos. Nessa direção podemos evidenciar o Estatuto do Idoso, os grupos de terceira idade, os centros de convivências de idosos, a inserção do idoso como sujeito consumidor, as novas ordens médicas e midiáticas na busca de envelhecimento bem sucedido e equilibrado e uma velhice ativa, lúdica e juvenil.

Em se tratando do campo das sensibilidades e sentimentos a produção historiográfica é ainda muito tímida, apesar de se configurar em questão existencial e histórico, visto que, a natureza da experiência sentimental mudou drasticamente e trouxe dilemas na construção das novas subjetividades amorosas e sexuais (FREIRE, 1998), configurando-se em problema multidimensional, multidisciplinar e transdisciplinar merecedores de investigações historiográficas. Inúmeras perguntas nos inquietam nesse mundo de negação das premissas de projetos emocionais a longo prazo, de afirmação de uma “ética analgésica” que exhibe uma pressa em devorar o outro e do comércio das imagens e sensações como âncora identitária dos indivíduos. O amor romântico não mais nos projetos e nem nas experiências de homens e mulheres envelhecidos? Teria o sentimento amoroso-apaixonado malgrado?

## **2. Um campo fértil de intervenção: gestando inquietações**

Algumas experiências acadêmicas, de pesquisa e de extensão, buscam caminhos mais efetivos no sentido de dar conta das multiplicidades de experiências de envelhecer, formas de subjetivação, de construções de identidades, das demandas de acolhimento social e de visibilidade social de sujeitos excluídos e marginalizados<sup>2</sup>. O diálogo entre diversos saberes é a marca teórico-metodológica de tal programa que aglutina os seguintes projetos: “atenção à saúde em grupo de idosos”, “A alfabetização de adultos e idosos”, universidade e questões geracionais; viver e conviver com grupos de terceira idade” e “pedagogia multicultural: Em cena os (des)encontros intergeracionais na família e na escola”. A atuação desse programa é

---

<sup>2</sup> O programa no qual estamos inseridas desde 2005, mas que tem seu início em 2003, configura-se em ações investigativas, extensionistas, interdisciplinares e de intervenções em instituições das mais variadas naturezas como asilos, centros de assistência ao idoso, em escolas da rede pública municipal e na comunidade de forma geral envolvendo 04 (quatro) áreas do conhecimento distribuídas também em projetos específicos que articulados compõem o PIATI - Programa Interdisciplinar de Apoio a Terceira Idade.

pautada na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, postura essa que só tem enriquecido a forma de inserção, intervenção e relação com as instituições com as quais estabeleceu parcerias e diálogos. De caráter interinstitucional, transdisciplinar e interdiscursivo tal experiência nos proporciona o entrelaçamento de saberes, discursos, temporalidades, especialidades, e subjetividades gestoras de novos desafios, aprendizagens, objetos, temas e problemas a serem investigados, refletidos e/ou interpelados. Dessa rede de experiências, sensibilidades e saberes “nasceram” perguntas, desafios, temas que conduziram a tal escolha temática que ora sistematizamos. Nas várias ações do programa e do projeto específico, nos deparamos com descobertas e invenções de questões muito presentes no cotidiano, nas falas e nas demandas de idosos (as), seja no âmbito das instituições asilares, recreativas, escolares ou familiares. A questão do corpo envelhecido e suas subjetividades e cartografias amorosas são falas muito recorrentes entre muitos dos indivíduos que ora demarcamos como foco de análise; seja pra recordar com saudade, para ser ouvido e fugir da solidão, ou para rejeitar, silenciar, se arrepender, ou ainda, para pensar e viver projetos amorosos num momento que os especialistas consideram estranho.

Daí pensar e investigar as múltiplas experiências e sensibilidades amorosas e sexuais entre os idosos de universos tão diversos, buscando articular que diferenças discursivas e de subjetivação na construção das identidades esses sujeitos instituem para construção de si e dos outros.

### **3. Rasuras de uma historiografia e de uma sociologia do amor**

O mergulho na dimensão histórica do sentimento amoroso exige a uma discussão sobre uma historiografia dos sentimentos que está sendo arquitetada por diversas produções acadêmicas, que incide olhares e interpretações sobre as dimensões histórica do medo, da culpa, do ódio, do desejo, do amor e de outras tantas emoções. Os estudos sobre o tema apresentam tendências historiográficas e de enfoques diferentes, indo desde uma arqueologia da invenção do amor no ocidente (FREIRE: 1999) numa abordagem pós-estruturalista, até uma incursão sobre o imaginário e costumes amorosos do Brasil colonial até hoje (DEL PRIORE: 2006) que transita numa perspectiva da história social da cultura. As duas obras em referência apresentam um caráter historiográfico, visto que põem em cena muitas das produções em torno da temática, ao mesmo tempo que problematizam as diversas formas de inventar, conceber, explicar, valorar e viver o amor em tempos históricos e em diferentes sociedades e culturas.

Jurandir Freire em sua obra acima citada percorre os atalhos e as veredas da produção histórica do amor na sociedade ocidental, indo desde os gregos até a moderna invenção/concepção do ideal romântico de amor. Desnaturalizando a idéia de amor e recorrendo as dimensões multidisciplinar, transdisciplinar e intertextual a partir de vários saberes, como a filosofia, a história, sociologia e a psicanálise, e a vários contextos e epistemes, o autor desconstrói a teia discursiva que imprime sentidos e significados para o amor na cultura ocidental moderna, que o inventou como ideal sentimental e código de comportamento universal na sociedade moderna com implicações significativas nas crenças, na vida social e psicológica dos indivíduos na contemporaneidade. Sobre uma historiografia do sentimento amoroso anuncia a consagração de versões maniqueístas entre os teóricos do amor, classificando-os em idealistas e realistas; na primeira versão agrupa autores como Elizabeth Badinter, Zygmunt Bauman, Alan Bloon e Octávio Paz e na segunda versão Morton Hunt, Amelie Rorty, Martha Nussbaum entre outros.

Historicamente são perceptíveis as mutações que as identidades amorosas sofrem, reiterando a multiplicidades de formas de sentir e viver os sentimentos articulados a cartografias e temporalidades diferentes. Mary Del Priore ao fazer uma análise dos costumes sexuais e amorosos no Brasil desde a colônia sublinha que enquanto a história dos sentimentos amorosos na Europa, em se tratando de França e Inglaterra, articulou-se com a emergência do amor romântico, e dos novos códigos civilizatórios e individualistas burgueses “a construção de identidades amorosas tanto em Portugal quanto no Brasil enraíza-se, não tanto na literatura, pois as elites ainda eram majoritariamente iletradas, mas, sim, na interiorização, por homens e mulheres, de normas enunciadas pela Igreja e pela ciência.” (DEL PRIORE, 2006:95) Nesse sentido, uma ética amorosa e sexual, pautada numa dicotomia amor-casto versus amor-paixão, vai ganhar terreno fértil, mediante uma verdadeira cruzada moral contra a associação amor e sexo, em que o discurso eclesiástico e médico instituem o amor conjugal como espaço onde o sexo (procriativo) era permitido e legitimado. Essas sensibilidades amorosas sofreram mutações significativas nos diversos contextos históricos do Brasil, implicando reordenamento das representações e códigos amorosos na atualidade, indo desde o amor conjugal, passando pelo amor romântico e adentrando até o amor erótico fruto das revoluções culturais.

O desafio de mergulhar numa investigação a respeito das identidades amorosas e sexuais na contemporaneidade me conduziu ao encontro de um dos maiores sociólogos da sensibilidade que é Zygmunt Bauman (2004), o qual evidencia uma nova cultura relacional da atualidade. Na sua investigação interdisciplinar esse autor busca apreender como o homem

contemporâneo ou o “homem sem vínculos”, figura central do líquido mundo moderno, se relaciona, ou melhor, se conecta- a linguagem da conectividade começa a desautorizar a linguagem dos relacionamentos- na era da informática e da “ansiedade”, momento em que o amor e sexo romantizados/conjugais/sólidos estão perdendo espaço para o amor e sexo consumo/impulso/líquido.

Ao mesmo tempo que anuncia essa “desromantização” do sentimento amoroso, Bauman constata uma hiperinflação do valor do amor como atributo de felicidade e realização pessoal numa sociedade de consumo, onde os sentimentos amorosos e sexuais são também ordenados pelo mercado e oscilam junto com ele; são produtos a serem consumidos por impulso, mais do que por desejo, tendo uma vida útil muito efêmera e “como num shopping: os consumidores hoje não compram para satisfazer um desejo, compram por impulso” que tem nascimento e morte instantâneos, pois gerados por súbito despertar. Essas novas sensibilidades líquidas, pois fluídas, imediatas, instantâneas são marcadas pela noção de rede em substituição a noção de parcerias fundantes das relações tradicionais, caracterizadas pelo compromisso (de longo prazo ou não) em oposição às emergentes relações virtuais ou as conexões afetivas contemporâneas anunciadores de uma (nova) cultura do não compromisso.

Esses paradoxos afetivos seriam típicos da contemporaneidade ocidental, marcada pela ambivalência dos projetos, dos valores e dos sentimentos humanos, revelador de uma dimensão líquida das relações entre os indivíduos hoje.

#### **4. Entre amores românticos e líquidos: O desejo do encanto e/ou do sensacional**

Os paradoxos nas condutas amorosas no Brasil ao longo da sua história nos impulsiona a interrogar sobre as concepções, olhares, sensibilidades e experimentos em torno do sentimento amoroso na atualidade. Quais as novas crenças em torno do sentimento e das experiências amorosas entre os homens e mulheres? Existem diferenças substanciais entre os experimentos e crenças amorosas dos jovens em relação aos idosos? Essas questões são perseguidas de forma mais localizada na investigação em torno das experiências e crenças amorosas de homens e mulheres idosos moradores da cidade de Campina Grande na Paraíba.

Em perspectiva dialógica e intergeracional- entendendo que os indivíduos que constituem nessa relação, seja do local/lugar com o global/mundo, seja do encontro de sua geração com as outras- procuro rastrear articulações de múltiplos contextos culturais e geracionais desses personagens, bem como acompanhar as trocas intergeracionais entre, por

exemplo, uma geração mais madura e outra jovem. Nesse processo de radiografar as múltiplas cartografias amorosas dos idosos, perguntamos sempre pelo que foi vivido no passado, seus códigos e comportamentos, ao mesmo tempo que, interrogamos sobre suas percepções em relação aos novos códigos amorosos que “regem” hoje as gerações mais jovens, de seus filhos e netos.

O diálogo entre as tradições prescritivas (para o amor socialmente aceito) de uma geração de maduros e as atitudes “performativas” (revelador de um amor sensacional e não sentimental) de uma parte expressiva da juventude hoje, é fundamental para se compreender e problematizar a construção de identidades amorosas numa abordagem relacional, intergeracional e multicultural, que considere o diálogo entre os indivíduos como provocadores de quebras e rasuras das fronteiras etárias, culturais e contextuais. Isso proporciona a percepção de que as fronteiras geracionais de valores morais são artifícios que empobrecem a análise, provocando dificuldades de uma esquematização dos paradigmas amorosos de forma simplista e polarizadas do tipo: cultura amorosa de jovens versus cultura amorosa de velhos.

Os diferentes modos de institucionalização do envelhecimento (asilar e recreativo) também produziria discursos e identidades diferentes sobre sensibilidades amorosas? Haveria um silêncio desses sentimentos, do desejo de vivê-los e de sua vivência entre os sujeitos inseridos nos asilos em contraposição a uma explosão discursiva e experimental no universo dos grupos recreativos de terceira idade? Os “abandonados dos asilos” viveriam do saudosismo, enquanto os idosos ativos e sociáveis tenderiam para o uso dos prazeres, a atitude de viver novas relações ousadas e marginalizadas?

A pesquisa inicial é reveladora de comportamentos e crenças diversas, onde nos deparamos, ora com indivíduos que desejam preservar as lembranças e as imagens em torno de suas experiências amorosas, ora com aqueles que evidenciam uma transformação na forma de subjetivar e olhar o seu passado e as memórias de seus sentimentos. A atitude diante de suas memórias afetivas vão desde a saudade e a rejeição, do esquecimento e silêncio à explosão discursiva, vislumbrando-se múltiplas dimensões para narrativa histórica.

Os experimentos amorosos e os discursos em torno deles são reveladores de reapropriações as mais ricas e diversas de padrões socialmente aceitos para uma geração de idosos ou até mesmo para uma geração de jovens. A pesquisa em torno das experiências e crenças amorosas de idosos campinenses, ainda muito incipiente, não nos permite traçar tendências comportamentais e de valores nas práticas relacionais, mas apenas sugere impressões, rasuras e traços sobre as sensibilidades desses homens e mulheres.

Nas falas de muitos dos depoentes- frequentadores do centro de convivência- é predominante a recusa ao sentimento de velhice, ao mesmo tempo que revela uma saudade do “ser jovem” associado a idéia do ser sonhador, romântico, apaixonado. Daí o significado desse espaço recreativo como experiência transformadora de suas vidas, retirando-os da solidão, abandono, rejeição e depressão. Lugar que proporciona a realização de sonhos que foram reprimidos nas suas juventudes, o centro é o cenário da festa, da sociabilidade, amizades e amores maduros e promissores

Quando interrogados sobre suas concepções sobre o amor, alguns discursos afirmam uma crença inabalável no amor, enquanto outros enveredam pelo perspectiva do amor enquanto ilusão. Em geral, existe uma separação entre sentimento amoroso e casamento, visto que os grandes amores e paixões não são, na maioria das vezes, constituidores de casamentos. Esses muitas vezes acontecem por medo (por parte das mulheres) de se tornarem “vitalinas” e de morrer sem deixar descendentes (por parte dos homens). Até mesmo odiando, rejeitando e considerando “feio, desagradável e deselegante” muitas mulheres se submeteram ao matrimônio, alegando que com o tempo a amizade, a admiração e o respeito foram sendo construídos, principalmente com a chegada dos filhos.

Os idosos que vivenciam o cotidiano nos centros argumentam que o fato de serem maduros, viúvos e livres das obrigações da família os torna privilegiados para os encontros, romances e novos casamentos. Nesse sentido, os amores frustrados são associados muitas vezes ao poder “abusivo” que as famílias tinham sobre a vida dos filhos e parentes, quanto jovens. As proibições se justificavam em fundamentos moralistas, racistas e preconceituosos do tipo: não deve se casar com filho (a) de mãe separada ou solteira, com negro (a) ou filho (a) de negro(a), com pobre e/ou desempregado e ainda com rapazes farristas e moças de festas. Muitos idosos afirmam que estando longe destas prescrições familiares, hoje se sentem mais livres para viver amores fora destes padrões (“apesar dos filhos darem palpites”) e se consideram muito felizes, mesmo cercados de muitos preconceitos que associam a velhice a ausência de experiências amorosas e sexuais.

Essas poucas impressões e traços, ainda superficiais, é resultado de uma pesquisa em andamento e, certamente, irão adquirir contornos mais delineados a partir do aprofundamento da pesquisa e de uma análise mais ampla, apurada e sensível dessas histórias de amores e saudades dos idosos campinenses/paraibanos.

## Referências

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. As dobras do dizer: Da (im) possibilidade Da História Oral. IN: **História a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007
- \_\_\_\_\_. As sombras do tempo A saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história IN **História e Sensibilidade** ERTZOGUE, Marina Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes Brasília: Paralelo 15, 2006
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGÊNIO, Fernanda (orgs). **Culturas Jovens novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2006
- ANSART, Pierre história e memória dos sentimentos IN **Memória e (res) sentimento: Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: editora de Unicamp, 2001
- BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- \_\_\_\_\_. **Amor Líquido**. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004
- BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de psicologia social**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.
- BRESCIANI, Stella ; NARAXA, Márcia (orgs.) **Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora de Unicamp, 2001
- COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**. Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DEBERT. Guita. **A reinvenção da velhice: socialização e processo de representação do envelhecido**. São Paulo: Edusp/FAPESP 1999.
- DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006
- ELIAS, Nobert. **A Solidão dos Moribundos: seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001
- LIPOVETSKY, Gilles **A Terceira Mulher: Permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- \_\_\_\_\_. **Os tempos hipermodernos**, São Paulo: Barcarolla 2004.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 1998.
- MINOIS, Georges. **História da Velhice no Ocidente**. Lisboa: Teorema Editora, 1999.
- NÉRI, Anita Liberalesso et all (org.). **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. São Paulo: Alínea, 2003.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- RAMOS, Keila Queiroz e Silva. Os corpos enrugados cuidam, os corpos viçosos gozam? In: Garcia, Loreley (org.). **Revista Ártemis**. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 2007.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.